RESUMO EXPANDIDO - III. PESQUISA CIENTÍFICA RELACIONADA ÀS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E ASSISTENCIAIS

COMPORTAMENTO AUTOLESIVO: COMO IDENTIFICAR, ABORDAR E AUXILIAR O ADOLESCENTE NESSA SITUAÇÃO?

Sandra De Souza Pereira (ssouzapereira@gmail.com)

Ana Júlia Alves Janerini (ana.2142778@discente.uemg.br)

Gianna Emanuela Cintra Santos (gianna.2140237@discente.uemg.br)

Lais Silva Gomes (lais.2149686@discente.uemg.br)

Nassanam Pereira Izidoro (nassanan.2149041@discente.uemg.br)

Stefany Silva Teodoro (stefany.2140234@discente.uemg.br)

Comportamento autolesivo: como identificar, abordar e auxiliar o adolescente nessa situação?

Ana Júlia Alves Janerini1, Gianna Emanuela Cintra Santos1, Laís Silva Gomes1, Nassanam Pereira Izidoro1, Stefany Silva Teodoro1,Sandra de Souza Pereira1

1Universidade do Estado de Minas Gerais.

Introdução: A adolescência é um período de vulnerabilidade, no qual o comportamento autolesivo pode surgir como uma estratégia de enfrentamento diante de dificuldades emocionais e psicológicas. A literatura aponta que a identificação precoce, a abordagem adequada e o manejo eficaz desses comportamentos são essenciais para prevenir consequências mais graves e promover o bem-estar do adolescente (Lima et al., 2023). A autolesão é um feno^meno complexo e multideterminado que envolve uma se´rie de fatores, os quais na~o se restringem a`s caracteri´sticas pessoais/psicolo´gicas ou transtornos psiquia´tricos, mas engloba questo~es de ordem social, cultural, familiar, socioecono^mica, demogra´fica e fatores situacionais (Gonçalves, Avanci e Njaine, 2020). A promoção da literacia em saúde mental se torna crucial, uma vez que ela contribui para que as pessoas possam buscar ajuda de forma adequada e oportuna, além de promover uma maior compreensão e redução do estigma associado às doenças mentais. Nesse sentido, a educação e a disseminação de informações corretas sobre saúde mental são estratégias importantes para fortalecer a capacidade dos professores para acolher, apoiar e se prepararem para a abordagem correta e dentro dos seus limites funcionais (Amaral et al., 2020). Assim, compreender as percepções e necessidades dos professores é fundamental para desenvolver capacitações eficazes, capazes de ampliar conhecimentos, desconstruir mitos e fortalecer a confiança profissional. Investir na formação docente contribui para práticas preventivas e acolhedoras, promovendo ambientes escolares mais seguros e sensíveis ao sofrimento juvenil. Objetivo: Capacitar professores da rede pública de ensino quanto a abordagem e manejo do adolescente com comportamento autolesivo. Método: Trata-se de um estudo descritivo, transversal, com abordagem quantitativa, realizado com 317 professores da rede pública de ensino. A coleta de dados ocorreu em dois momentos: antes da capacitação (pré-teste) e após a intervenção educativa (pós-teste). Utilizou-se um questionário estruturado contendo informações sociodemográficas, conhecimentos prévios sobre

comportamento autolesivo não suicida, crenças e dificuldades no manejo de situações relacionadas ao tema. A capacitação ofertada incluiu conteúdos teóricos sobre o comportamento autolesivo não suicida e orientações práticas voltadas ao reconhecimento de sinais, à desconstrução de mitos e às formas adequadas de acolhimento e encaminhamento. Foi realizada análise descritiva dos dados, permitindo identificar mudanças no nível de conhecimento, nas atitudes e na percepção de preparo docente após a intervenção. Esse delineamento possibilitou avaliar o impacto da capacitação para o entendimento sobre o comportamento autolesivo não suicida, na divulgação da Rede de Atenção Psicossocial do município e na segurança do profissional para atuar diante de casos de autolesão entre adolescentes. Resultados: Participaram 317 docentes, majoritariamente mulheres (71,6%), com idade variando de 18 a 69 anos, média de 46 anos. O tempo médio de experiência profissional foi de 13,9 anos, variando de 6 meses a 40 anos. A maioria possuía pós-graduação Lato Sensu (46,5%) e uma carga horária média de 30 horas semanais, sendo frequente o trabalho em dois turnos (65%), indicando uma rotina intensa e por vezes exaustiva. Antes da intervenção, observou-se que apenas 8,5% dos professores haviam realizado algum curso prévio sobre autolesão, embora 58,5% já tivessem identificado casos de comportamento autolesivo não suicida em sala de aula. Quando questionados sobre se sentir seguro para abordar o adolescente com esse comportamento, 65,4% responderam negativamente. Quanto as maiores dificuldades para realizar essa abordagem, 47,9% relataram não se sentir preparados apontando falta de informação e 14,6% relataram medo de agir de forma inadequada como principais obstáculos. Entre os fatores apontados como facilitadores para uma possível abordagem, foi evidenciado o desejo de saber o que dizer ao aluno 44,8%, a importância do conhecimento prévio 19% e o forte vínculo com o estudante 17,5%. Quando comparados os resultados antes e após a capacitação, foi identificado que, 54,4% dos professores não sabiam diferenciar comportamento autolesivo não suicida de tentativa de suicídio antes da capacitação e, após, apenas 5% dos docentes mantiveram essa dúvida. O conhecimento sobre o que são pensamentos autolesivos aumentou de 55,8% para 94% de respostas corretas. Houve redução de crenças equivocadas como a ideia de que falar sobre suicídio poderia encorajar o ato caiu de 16,8% para 11,9%, a crença de que a ideação

suicida representa risco permanente para o resto da vida reduziu de 37,7% para 20,9%. O entendimento sobre as orientações e o encaminhamento para os serviços adequados conforme a Rede de Atenção Psicossocial do município melhorou de forma marcante, sendo 10,3% dos participantes relataram saber como agir e para onde encaminhar o estudante antes da capacitação e após a intervenção, esse número aumentou para 92,7%. Ao final, 99,3% dos participantes afirmaram ter adquirido novos conhecimentos, demonstrando que a capacitação foi efetiva para fortalecer habilidades, desconstruir mitos e promover maior confiança na atuação docente frente ao manejo de adolescentes em autolesão. Conclusão: A capacitação demonstrou ser essencial para qualificar o manejo docente diante do comportamento autolesivo não suicida. Os resultados evidenciam avanços significativos no conhecimento, na desconstrução de crenças equivocadas e no aumento da segurança profissional, fortalecendo a capacidade dos professores de identificar sinais de risco e oferecer acolhimento adequado. Considerando que muitos docentes já haviam vivenciado situações de estudantes com comportamento autolesivo não suicida, mas sem preparo suficiente, a intervenção mostrou-se fundamental para suprir lacunas formativas e apoiar a atuação escolar. Conclui-se que investir em formação continuada é decisivo para promover ambientes mais seguros, sensíveis e capazes de responder às demandas de saúde mental dos adolescentes.

Referências

LIMA, Luana Mundim de; SILVA, Daniel Vieira da; SILVA, Dayane Rodrigues; et al. Significados E Ações Frente À Automutilação No Contexto Educacional Brasileiro: Revisão Sistemática. Psicologia Escolar e Educacional, v. 27, 2023.

GONC¸ALVES, A.; AVANCI, J. Q.; NJAINE K. Comunicac¸a~o on-line sobre autolesa~o: a perspectiva de adolescentes brasileiros. In: NJAINE, Kathie. Viole^ncia na comunicac¸a~o digital: ana´lise dos discursos e pra´ticas disseminados na internet sobre homofobia, autoperpetuac¸a~o de viole^ncias, cyber dating abuse e cyberbullying. Relato´rio de pesquisa, 2020.

AMARAL, Maria Odete Pereira; SILVA, Daniel Marques da; COSTA, Maria da Graça Aparício; et al. ProMenteSã: Formação de professores para promoção da saúde mental na escola. Acta Paulista de Enfermagem, v. 33, 2020.

Instituição que ofereceu auxílio/apoio financeiro: Programa de Apoio à Atividade Extensionista (PAEx/UEMG).

Palavras-chave: Comportamento autolesivo não suicida; Adolescente; Saúde mental; Capacitação docente; Promoção da saúde

Self-injurious behavior: how to identify, approach, and support adolescents in this situation

Ana Júlia Alves Janerini1, Gianna Emanuela Cintra Santos1, Laís Silva Gomes1, Nassanam Pereira Izidoro1, Stefany Silva Teodoro1,Sandra de Souza Pereira1

1University of the State of Minas Gerais.

Introduction: Adolescence is a period of vulnerability in which self-injurious behavior may emerge as a coping strategy in response to emotional and psychological distress. Evidence suggests that early identification, appropriate approaches, and effective management of these behaviors are essential to prevent more severe outcomes and promote adolescent well-being. Non-suicidal self-injury is a complex and multidetermined phenomenon involving not only personal and psychological characteristics or psychiatric disorders but also social, cultural, family, socioeconomic, demographic, and situational factors. Mental health literacy is therefore crucial, as it contributes to timely help-seeking behaviors, improves understanding, and reduces stigma related to mental health conditions. In this context, education and dissemination of accurate information

are important strategies to strengthen teachers' abilities to provide support and respond appropriately within their professional roles. Understanding teachers' perceptions and needs is fundamental for developing effective training programs capable of expanding knowledge, challenging myths, and strengthening professional confidence. Investing in teacher education contributes to more preventive and supportive practices, promoting safer and more sensitive school environments. Objective: To train public school teachers regarding the identification, approach, and management of adolescents presenting self-injurious behavior. Method: This descriptive, cross-sectional study with a quantitative approach was conducted with 317 public school teachers. Data collection occurred in two stages: before training (pre-test) and after the educational intervention (post-test). A structured questionnaire was used to collect sociodemographic information, previous knowledge about non-suicidal self-injury , beliefs, and difficulties related to handling situations involving self-injury. The training program included theoretical content on non-suicidal self-injury and practical guidance focused on recognizing warning signs, challenging myths, and providing appropriate support and referrals. Descriptive analyses were performed to identify changes in knowledge, attitudes, and perceived preparedness after the intervention. This design enabled the evaluation of the training impact on understanding non-suicidal self-injury, awareness of the local Psychosocial Care Network, and professional confidence when dealing with adolescent self-injury cases. Results: A total of 317 teachers participated, predominantly women (71.6%), aged between 18 and 69 years, with a mean age of 46 years. The average professional experience was 13.9 years, ranging from six months to 40 years. Most participants held postgraduate specialization degrees (46.5%) and worked an average of 30 hours per week, frequently across two shifts (65%), suggesting demanding work routines. Before the intervention, only 8.5% had previously participated in training related to self-injury, although 58.5% had already identified non-suicidal self-injury cases in the classroom. Regarding confidence in approaching adolescents presenting self-injurious behavior, 65.4% reported feeling unprepared. The main difficulties reported were lack of information (47.9%) and fear of responding inadequately (14.6%). Facilitating factors included wanting to know what to say to students (44.8%), having previous knowledge (19%), and establishing strong

relationships with students (17.5%). Comparisons between pre- and post-intervention findings showed that before training, 54.4% of teachers were unable to differentiate non-suicidal self-injury from suicide attempts; after training, only 5% remained uncertain. Knowledge about self-injurious thoughts increased from 55.8% to 94% correct responses. Misconceptions were reduced, including the belief that discussing suicide could encourage suicidal behavior (from 16.8% to 11.9%) and the belief that suicidal ideation represents a lifelong risk (from 37.7% to 20.9%). Understanding regarding appropriate referral pathways and services within the Psychosocial Care Network improved substantially: while only 10.3% initially reported knowing how to respond and where to refer students, this increased to 92.7% after training. At the end of the intervention, 99.3% reported acquiring new knowledge, demonstrating that the training effectively strengthened skills, challenged myths, and increased teacher confidence in managing adolescents presenting self-injury. Conclusion: Training proved essential for improving teachers' ability to manage non-suicidal self-injury. The findings demonstrate significant advances in knowledge, reduction of misconceptions, and increased professional confidence, strengthening teachers' abilities to recognize warning signs and provide appropriate support. Considering that many teachers had previously encountered non-suicidal self-injury cases without adequate preparation, the intervention proved fundamental in addressing educational gaps and supporting school-based practice. Continuous professional development is therefore essential for promoting safer, more supportive, and responsive environments capable of addressing adolescents' mental health needs.

References:

LIMA, Luana Mundim de; SILVA, Daniel Vieira da; SILVA, Dayane Rodrigues; et al. Significados E Ações Frente À Automutilação No Contexto Educacional Brasileiro: Revisão Sistemática. Psicologia Escolar e Educacional, v. 27, 2023.

GONC¸ALVES, A.; AVANCI, J. Q.; NJAINE K. Comunicac¸a~o on-line sobre autolesa~o: a perspectiva de adolescentes brasileiros. In: NJAINE, Kathie. Viole^ncia na comunicac¸a~o digital: ana´lise dos discursos e pra´ticas

disseminados na internet sobre homofobia, autoperpetuac¸a~o de viole^ncias, cyber dating abuse e cyberbullying. Relato´rio de pesquisa, 2020.

AMARAL, Maria Odete Pereira; SILVA, Daniel Marques da; COSTA, Maria da Graça Aparício; et al. ProMenteSã: Formação de professores para promoção da saúde mental na escola. Acta Paulista de Enfermagem, v. 33, 2020.

Institution that offered financial assistance/support: Extension Activity Support Program (PAEx/UEMG).

Keywords: Non-suicidal self-injury; Adolescents; Mental health; Teacher training; Health promotion.

Conducta autolesiva: ¿cómo identificar, abordar y ayudar al adolescente en esta situación?

Ana Júlia Alves Janerini1, Gianna Emanuela Cintra Santos1, Laís Silva Gomes1, Nassanam Pereira Izidoro1, Stefany Silva Teodoro1,Sandra de Souza Pereira1

1Universidad del Estado de Minas Gerais.

Introducción: La adolescencia es un período de vulnerabilidad en el que la conducta autolesiva puede surgir como una estrategia de afrontamiento frente a dificultades emocionales y psicológicas. La evidencia señala que la identificación temprana, el abordaje adecuado y el manejo eficaz de estas conductas son esenciales para prevenir consecuencias más graves y promover el bienestar de los adolescentes. La autolesión sin intención Suicida (ANS) es un fenómeno complejo y multideterminado que involucra no solo características

personales, psicológicas o trastornos psiquiátricos, sino también factores sociales, culturales, familiares, socioeconómicos, demográficos y situacionales. En este contexto, la alfabetización en salud mental se vuelve fundamental, ya que contribuye a la búsqueda oportuna de ayuda, favorece una mayor comprensión y reduce el estigma asociado a los problemas de salud mental. La educación y la difusión de información adecuada representan estrategias importantes para fortalecer la capacidad de los docentes para acoger, apoyar y actuar adecuadamente dentro de sus competencias profesionales. Comprender las percepciones y necesidades de los profesores resulta esencial para desarrollar capacitaciones efectivas que permitan ampliar conocimientos, desmontar mitos y fortalecer la confianza profesional. Invertir en la formación docente contribuye a prácticas preventivas y acogedoras, promoviendo entornos escolares más seguros y sensibles al sufrimiento juvenil. Objetivo: Capacitar a profesores de la red pública de enseñanza sobre la identificación, el abordaje y el manejo de adolescentes con conductas autolesivas. Método: Se trata de un estudio descriptivo, transversal y de enfoque cuantitativo, realizado con 317 profesores de la red pública de enseñanza. La recolección de datos ocurrió en dos momentos: antes de la capacitación (pretest) y después de la intervención educativa (postest). Se utilizó un cuestionario estructurado que incluyó información sociodemográfica, conocimientos previos sobre autolesión sin intención suicida, creencias y dificultades relacionadas con el manejo de situaciones vinculadas al tema. La capacitación ofrecida incluyó contenidos teóricos sobre autolesión sin intención suicida y orientaciones prácticas dirigidas al reconocimiento de señales de alerta, la deconstrucción de mitos y las formas adecuadas de acogida y derivación. Se realizó análisis descriptivo de los datos para identificar cambios en el nivel de conocimiento, las actitudes y la percepción de preparación docente tras la intervención. Este diseño permitió evaluar el impacto de la capacitación en la comprensión de la autolesión sin intención suicida, en el conocimiento de la Red de Atención Psicosocial del municipio y en la seguridad profesional para actuar frente a casos de autolesión entre adolescentes. Resultados: Participaron 317 docentes, predominantemente mujeres (71,6%), con edades entre 18 y 69 años y una media de edad de 46 años. El tiempo promedio de experiencia profesional fue de 13,9 años, variando entre seis meses y 40 años. La mayoría poseía estudios de posgrado lato sensu

(46,5%) y una carga horaria promedio de 30 horas semanales, siendo frecuente el trabajo en dos turnos (65%), lo que indica rutinas laborales intensas y, en ocasiones, agotadoras. Antes de la intervención, solo el 8,5% había realizado algún curso previo sobre autolesión, aunque el 58,5% ya había identificado casos de autolesión sin intención suicida en la clase. Respecto a la percepción de seguridad para abordar adolescentes con conductas autolesivas, el 65,4% respondió negativamente. Entre las principales dificultades reportadas destacaron la falta de preparación e información (47,9%) y el miedo a actuar de manera inadecuada (14,6%). Entre los factores facilitadores identificados para realizar una posible intervención se destacaron el deseo de saber qué decir al estudiante (44,8%), la importancia del conocimiento previo (19%) y el fuerte vínculo con los alumnos (17,5%). La comparación entre los resultados pre y post intervención mostró que, antes de la capacitación, el 54,4% de los profesores no sabía diferenciar la autolesión sin intención suicida de un intento de suicidio; después de la intervención, solo el 5% mantuvo esta duda. El conocimiento sobre pensamientos autolesivos aumentó del 55,8% al 94% de respuestas correctas. También se observó una reducción de creencias erróneas, como la idea de que hablar sobre suicidio podría incentivar el acto (de 16,8% a 11,9%) y la creencia de que la ideación suicida representa un riesgo permanente para toda la vida (de 37,7% a 20,9%). La comprensión sobre orientaciones y derivaciones adecuadas hacia los servicios correspondientes de la Red de Atención Psicosocial mejoró significativamente: antes de la capacitación, solo el 10,3% informó saber cómo actuar y dónde derivar al estudiante, mientras que después de la intervención este porcentaje aumentó al 92,7%. Finalmente, el 99,3% afirmó haber adquirido nuevos conocimientos, demostrando que la capacitación fue efectiva para fortalecer habilidades, desmontar mitos y promover mayor confianza docente frente al manejo de adolescentes con autolesión. Conclusión: La capacitación demostró ser esencial para mejorar el manejo docente frente a la autolesión no suicida. Los resultados evidencian avances significativos en el conocimiento, la reducción de creencias erróneas y el aumento de la seguridad profesional, fortaleciendo la capacidad de los profesores para identificar señales de riesgo y ofrecer apoyo adecuado. Considerando que muchos docentes ya habían enfrentado situaciones relacionadas con la autolesión sin intención suicida sin preparación suficiente, la

intervención se mostró fundamental para cubrir vacíos formativos y fortalecer la práctica escolar. Se concluye que invertir en formación continua es decisivo para promover entornos más seguros, sensibles y capaces de responder a las demandas de salud mental de los adolescentes.

Referencias

LIMA, Luana Mundim de; SILVA, Daniel Vieira da; SILVA, Dayane Rodrigues; et al. Significados E Ações Frente À Automutilação No Contexto Educacional Brasileiro: Revisão Sistemática. Psicologia Escolar e Educacional, v. 27, 2023.

GONC¸ALVES, A.; AVANCI, J. Q.; NJAINE K. Comunicac¸a~o on-line sobre autolesa~o: a perspectiva de adolescentes brasileiros. In: NJAINE, Kathie. Viole^ncia na comunicac¸a~o digital: ana´lise dos discursos e pra´ticas disseminados na internet sobre homofobia, autoperpetuac¸a~o de viole^ncias, cyber dating abuse e cyberbullying. Relato´rio de pesquisa, 2020.

AMARAL, Maria Odete Pereira; SILVA, Daniel Marques da; COSTA, Maria da Graça Aparício; et al. ProMenteSã: Formação de professores para promoção da saúde mental na escola. Acta Paulista de Enfermagem, v. 33, 2020.

Palabras clave: Autolesión no suicida; Adolescente; Salud mental; Capacitación docente; Promoción de la salud.

Institution that offered financial assistance/support: Extension Activity Support Program (PAEx/UEMG).

Palavras-chave: comportamento autolesivo não suicida; adolescente; saúde mental; capacitação docente; promoção da saúde.